

**PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS
EM MÁRTIRES DA GLÓRIA,
DE ROBERTO POMPEU DE TOLEDO**

Lilian Manes de Oliveira (UNESA)
manes.lilian@gmail.com

1. Pressupostos teóricos

1.1. Implícitos

Ducrot (1977) estabeleceu oposição entre *implícito* e *explícito*, para maior entendimento de um texto. Aos dois tipos de conteúdos implícitos chamou *pressupostos* e *subentendidos*; os primeiros se apoiam num conteúdo linguístico; os segundos, no contexto. Conteúdos implícitos se opõem a explícitos, ou seja, o *posto*. No âmbito do texto, verifica-se que o pressuposto se situa no nível do enunciado; o subentendido, da enunciação.

1.2. Intertexto

O termo *intertextualidade* se aplica a conexões entre textos. Seu conceito foi introduzido, na década de 1960, pela crítica literária francesa Júlia Kristeva. “Ela considera cada texto como constituindo uma sucessão de textos já escritos” (TRASK, 2004) ou que ainda o serão. Ressalta, ainda, que tal ideia começou recentemente a ser incorporada na análise linguística dos textos, análise que considera a importância do conhecimento de outros textos para se captar o “pleno conhecimento” das origens de um texto, “de seus objetivos e de sua forma” (*id. ibid.*). Brandão (s/d/) considera “o intertexto de um discurso o conjunto dos fragmentos que ele cita efetivamente.”

1.3. Polifonia

Por polifonia, entendem-se as múltiplas vozes de um discurso. Termo originário da música – as diferentes melodias executadas simultaneamente-, foi levado para a Linguística por Ducrot. Antes, já havia sido postulada, na literatura, por Bakhtin, “técnica inevitável nos grandes romances” (MARTINS, 2003), estudando-a em Dostoiévski. Martins ainda faz referência a Júlia Kristeva, que cita o fato de Bakhtin também ter en-

contrado a polifonia em Balzac, nas palavras da autora “um dos seus precursores imediatos”. Entre os escritores brasileiros, Mário de Andrade a considerou elemento de análise estrutural da poesia moderna, em 1925. Dentre as suas marcas linguísticas, destacam-se o uso de aspas, determinados operadores argumentativos, marcadores de pressuposição e o uso do futuro do pretérito como metáfora temporal. Pode funcionar como recurso argumentativo, quando usada como reiteradora de opinião.

1.4. Enunciação / enunciado

A Teoria da Enunciação teve como precursor Mikhail Bakhtin e foi levada à França por Emile Benveniste, que lhe atribuiu dois planos: o do discurso e o da história, divisão que sofreu sérias críticas. Entende-se que um mesmo enunciado se torna portador de significados diferentes, desde que a enunciação o seja. De uma forma simplificada, a enunciação seria o processo e o enunciado o resultado. As condições de produção (tempo, lugar, papéis dos interlocutores, objetivos etc.) são condições do enunciado. Inúmeras marcas linguísticas da enunciação podem-se apresentar no enunciado, tais como os operadores argumentativos, os indicadores modais, atitudinais, os índices de avaliação, de domínio, de polifonia e os tempos verbais (KOCH, 2001).

1.5. Conhecimento compartilhado

Charaudeau (2008) observa que “o enunciador produziu seu texto a partir da hipótese de que os interpretantes possam partilhar com ele o mesmo saber comum”. Tal conceito ultrapassa o conhecimento único do linguístico e já caminha em relação ao extralinguístico.

1.6. Contexto sócio-histórico

Segundo afirma Helena Nagamine Brandão (s/d), a Análise do Discurso procurou superar a linguística meramente frasal, que não abrangia o texto em sua totalidade. Buscou ela, então, elementos extralinguísticos, procurando detectar como o linguístico estaria estreitamente ligado ao contexto sócio-histórico das condições de produção.

1.7. Valores

Charaudeau (2004) também postula que uma sociedade julga seu comportamento por valores éticos, estéticos, pragmáticos e hedonísticos. Os primeiros se baseiam na oposição bem *versus* mal; os segundos, belo *versus* feio; os terceiros, útil *versus* inútil; e os últimos, agradável *versus* desagradável.

1.8. Ethos

Aristóteles (2007) conceituou como meios de prova a trilogia *logos*, *ethos* e *pathos*. A noção de *ethos* reuniria tanto as virtudes morais que dão credibilidade ao orador quanto a capacidade de este exprimir-se, convencendo.

Ducrot (1984) ligou o *ethos* à enunciação, constatando que o modo de dizer revela muito mais do locutor do que aquilo que ele afirma sobre si mesmo.

Maingueneau (2008) retomou a noção do *ethos* retórico, unindo-o à imagem que o locutor já delinearía antes de sua ação, isto é, o locutor construiría a imagem que o seu público teria sobre ele. Tal conceito constituiría o *ethos* prévio; o locutor trabalharia sobre ela, ratificando-a ou retificando-a; mas o próprio Maingueneau propõe três princípios mínimos básicos para análise de um texto, os quais assim poderiam ser resumidos: *ethos* é uma noção discursiva, híbrida (sócio-discursiva) e “um processo interativo de influência sobre o outro”. E acrescenta que o *ethos* abrange “todo tipo de texto, tanto os orais como os escritos”.

1.9. Língua falada/língua escrita

Charaudeau (2008) propõe ainda as expressões situação dialógica/situação monológica como evidenciadoras da oposição língua falada/língua escrita. O fato de os parceiros estarem ou não presentes fisicamente cria características próprias a cada situação. Assim, num texto escrito, em que o canal de transmissão é gráfico, as palavras se tornam progressivas, contínuas, hierarquizadas e passíveis de uma explicitação necessária, já que não são auxiliadas pela entonação nem pela mímica.

1.10. Formação discursiva

Segundo Brandão (s/d), a Análise do discurso francesa, seguidora da linha de Pêcheux, aponta duas expressões que a caracterizam: formação ideológica e formação discursiva, reveladas por uma competência sócio-histórica e por uma competência linguística.

2. *Análise do corpus*

Mártires da glória é um texto essencialmente polifônico, composto por fragmentos citados explicitamente. Nele, o autor confronta um texto literário, *O deserto dos tártaros*, do italiano Dino Buzzati (1976); um ensaio sobre o texto italiano, “Na fortaleza”, do teórico da literatura Antonio Candido (1993); e a notícia, divulgada pelos jornais, da comemoração dos 40 anos da chegada do homem à Lua. Inúmeras vezes se fazem presentes, quer no emprego das muitas aspas, quer no do futuro do pretérito “poderia”, no terceiro parágrafo. “Não poderia” expressa a opinião de muitos, talvez uma opinião generalizada; mas, na do articulista, as trajetórias dos heróis mencionados expressam destino semelhante ao do protagonista do romance, Drogo. A polifonia constitui ainda procedimento discursivo para reiterar as tomadas de posição: “na ilusão de que o importante ainda está para começar” ressalta a esperança, o futuro; a frase que Pompeu considera tola, “pequeno passo para um homem, grande salto para a humanidade”, exalta o passado, o feito glorioso, uma alusão ao contexto sócio-histórico da época.

Quanto à tipologia textual, o fato de o texto haver sido publicado numa revista semanal – *Veja* – não o caracteriza como exclusivamente jornalístico. Os artigos de Roberto Pompeu de Toledo, sempre na *última* página, a princípio semanais, atualmente quinzenais, eram enquadrados na categoria *Ensaio*, mas, há algum tempo, tal caracterização foi eliminada. Afirma Barbosa (2003): “Em vista da heterogeneidade do discurso da mídia... história, memória e esquecimento são acionados na produção dos sentidos vinculados aos textos dessa ordem discursiva”. O leitor, que a princípio se habituara ao ensaísta, característica do seu *ethos* prévio, aos poucos foi modificando tal imagem do autor, que enveredou por textos de outra classificação.

Em julho de 2009, a FLIP (Feira Literária Internacional de Paraty) teve como uma de suas estrelas o escritor norte-americano Gay Talese. Jornalista profissional, notabilizou-se por evidenciar o *new journalism*,

estilo que buscou na literatura o aliado principal. Seu carro-chefe atual intitula-se *Vida de escritor* (2009), narrativa autobiográfica, reveladora da sua origem ítalo-americana e do sentimento de rejeição que envolveu os italianos e seus descendentes nos Estados Unidos da América, durante a Segunda Guerra Mundial. Talese apaga a fronteira entre discurso jornalístico e discurso literário. Ambos se encontram na “atividade impregnada de subjetividade” (CHARAUDEAU, 2008), que constitui o relatar e comentar acontecimentos.

Toledo também une jornalismo e literatura; não num texto autobiográfico, mas, no registro do evento de 20 de julho, compartilhado pelos astronautas da Apollo 11 com o presidente Barack Obama, afasta-se bastante da objetividade, estabelecendo paralelo com uma obra italiana da primeira metade do século XX, protagonizada por um jovem oficial, recém-saído da Escola Militar. Tenta ele conjugar um relato criterioso com “elementos narrativos de uma obra de ficção” (orelha de *Vida de escritor*). No terceiro parágrafo, Toledo narra o que Nora afirma constituir o “retorno do fato” (BARBOSA, 2003). Um evento relembra um fato histórico (a solenidade comemorativa do feito espacial), possibilitando o aparecimento da história-testemunho. O jornalista se transmuta em historiador, permitindo-se analisar as consequências dos papéis exercidos pelos astronautas.

“No quadro da Análise do Discurso de linha francesa (AD), o conceito de *formação discursiva* explica usos lexicais diferenciados para nomear o mesmo fato/objeto, a mesma pessoa” (CAVALCANTI, 2008). As lexias escolhidas para caracterizar os três astronautas são bem diversas das esperadas “numa cerimônia comemorativa”. Uma comemoração pressupõe um campo semântico ligado a alegria, a júbilo. Em sentido oposto, o autor emprega o adjetivo “melancólico”, o termo bem usual “proeza”; e ainda “patéticos”, “distantes do antigo garbo”; insiste em chamá-los “senhores” e ressalta que as novas gerações apenas têm “memória vaga de seus feitos”, desmitificando o seu papel pioneiro de conquistadores da Lua. As lexias nominais destacadas sublinham a atitude negativa que o autor evidencia em relação a quem a história consagrou como heróis.

Os dois astronautas que desceram na Lua são nomeados: Edwin Aldrin e Neil Armstrong. O terceiro, o que permaneceu na nave, é apenas “o outro”. Se a não nomeação de um astronauta pode remeter ao implícito de avaliação negativa do autor, igualmente negativa é a descrição por ele feita dos outros dois, descrição que ocorre por meio de lexias nomi-

nais evocadoras do campo semântico de tristeza: “dolorosos”, “alcoolicismo”, “depressão”, “ermitão”, “condenados” “sombras de si mesmo”; ou de lexias pejorativas: “(tola) frase”, “campeão do exotismo”.

O artigo de Candido a que Pompeu faz referência se organiza em cinco partes, quatro destinadas ao protagonista de *O deserto dos tártaros* e uma última, a considerações sobre outros aspectos da obra, que deseja “transfigurar a realidade, descrevendo comportamentos envoltos num certo halo irreal, em paragens indefinidas” (CANDIDO, 1993).

O texto “Mártires da glória” organiza-se em cinco parágrafos que confrontam a ação do protagonista do romance com as ações e comportamentos dos heróis espaciais do século XX; não se questionam valores éticos, estéticos, hedonísticos, nem mesmo pragmáticos. Conclui-se num sexto, em que todos os heróis se encontram, não na Morte de Buzzati, não na Morte de Antonio Candido, mas na morte que tem sua missão explicitada por Toledo: “a vacuidade do sonho, da glória e da esperança”. Aparentemente aceitando a conclusão de Candido – “Pode ser”-, a ela contrapõe a sua imagem de argumentador, por meio de “Mas pode ser também”, em que o conector adversativo orienta o leitor num sentido contrário à afirmativa anterior e “também” pressupõe que a morte pode adquirir outro significado.

Segundo Koch (1993)

Não há texto neutro, objetivo, imparcial... a pretensa neutralidade de alguns discursos é apenas uma máscara...o locutor se representa no texto ‘como se’ fosse neutro, ‘como se’ não estivesse engajado, comprometido, ‘como se’ não estivesse tentando orientar o outro para determinadas conclusões...

O literário e o jornalístico se reúnem num texto de modo argumentativo de organização do discurso, já que seu último período tem o valor de tese.

3. Conclusão

Roberto Pompeu de Toledo se utiliza de um texto literário e de um estudo teórico por este suscitado, a fim de fazer emergir de um texto jornalístico considerações existenciais, mascaradas de argumentos. O título metafórico “Mártires da glória” une o lirismo poético a um texto midiático, constituído parcialmente por um ensaio sobre um ensaio e revelador da imagem literária que seu autor transmite aos leitores. Ao se refe-

rir ao “diálogo de mão única que muitos leitores mantêm com os cronistas”, Cora Rónai (2009) afirma que “Com o tempo, qualquer um de nós do lado de cá da página aprende a prever, mais ou menos, como será recebido o que escreveu”. O texto de Toledo, no seu parágrafo final, suscita a passagem, retomando a nomenclatura de Charaudeau, de uma situação monologal para dialogal, já que sua maneira de dizer, pessimista e polêmica, ao provocar inúmeros efeitos de sentido, estimula a razão e a emoção dos leitores, estímulos que poderão converter-se em respostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BARBOSA, Pedro Luís Navarro. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz, 2003.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. Campinas: UNICAMP, s/d.

BUZZATI, Dino. *Il deserto dei tartari*. Milano: Mondadori, 1976.

CANDIDO, Antonio. Na fortaleza. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CAVALCANTI, Jaurance Rodrigues. Considerações sobre o *ethos* do sujeito jornalista. In: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 173-184.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *Le dire et Le dit*. Paris: Minuit, 1984.

EMERSON, Caryl. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

MARTINS, Wilson. Bakhtin revisitado. *O Globo* 2 ago.2003. Prosa & Verso, p. 4.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

RÓNAI, Cora. Tempos de cinema. *O Globo*, 3 set. 2009, Segundo Caderno, p. 10.

TALESE, Gay *Vida de escritor*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Mártires da glória. *Veja*, 29 jul.2009. p. 142.

TRASK R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004.

ANEXO

MÁRTIRES DA GLÓRIA

Roberto Pompeu de Toledo

O tema do romance *O Deserto dos Tártaros*, do italiano Dino Buzzati, publicado em 1940, é a esperança. Giovanni Drogo, o personagem central da história, é um militar que ganha seu primeiro posto no remoto e isolado forte Bastiani, situado na fronteira norte de um país indefinido, e ali permanecerá até o fim da carreira. As tarefas são repetitivas e inúteis. Nada acontecia por ali fazia anos, e continua não acontecendo. Drogo tem chances de mudar de posto em busca de uma vida com mais ação e mais propósito, mas deixa escapar todas. Move-o a esperança de que um dia o inimigo atacará por aquele flanco e enfim se revelará que a vigília não foi vã. Melhor ainda, nesse dia ele se poderá sagrar herói, aspiração máxima de quem escolhe a carreira militar.

Drogo envelhece esperando o que nunca acontece. Passaram-se os anos, mas ele “não pensa que o futuro se reduziu terrivelmente, não é mais como antes, quando o tempo vindouro podia parecer-lhe um período imenso, uma riqueza inexaurível que ele não corria nenhum risco em esbanjar”. Ele persistia “na ilusão de que o importante ainda está para começar”. Este é o grande momento do livro. Nele o autor ultrapassa os limites de sua história e de seu personagem para apontar lapidarmente um dos mais fortes motivos, se não o mais forte, pelos quais, em qualquer circunstância e qualquer tempo, continua-se a viver e a manter a flama: a persistente esperança de que o melhor ainda está por vir.

A trajetória do trio de astronautas da Apollo 11 não poderia, à primeira vista, oferecer contraste maior com a de Giovanni Drogo. Na vida de Drogo não aconteceu nada. Na deles aconteceu de serem os primeiros a empreender uma viagem de desembarque na Lua. Drogo esperou em vão pela glória. Os astronautas conheceram a glória de uma empreitada que por milênios pareceu impossível. No entanto havia na semana passada algo de melancólico na figura daqueles três senhores, a participar com o presidente Barack Obama, da cerimônia comemorativa dos quarenta anos da proeza. A cerimônia soava a desfile de veteranos de guerra. Desfiles de veteranos de guerra são patéticos. Mostram senhores não só distantes do antigo garbo e do momento que os alçou acima do comum dos homens e da existência comum, como os põem na desconfortável posição de reclamar o reconhecimento a uma geração que guarda memória apenas vaga de seus feitos.

Do trio de astronautas, os dois que pisaram na Lua (o outro permaneceu em órbita) experimentaram momentos dolorosos, nestes quarenta anos. Edwin Aldrin mergulhou no alcoolismo e na depressão. Neil Armstrong impôs-se um alerta neurótico contra a exploração não autorizada de sua fama. Deixou de dar autógrafos quando descobriu que eram comercializados. Moveu processo contra uma empresa que usou sua (tola) frase do “pequeno passo para um homem, grande salto para a humanidade”. Moveu outro, campeão de exotismo,

contra o barbeiro que ousou vender um chumaço de seus cabelos. Trancou-se, como ermitão, na pequena cidade em que mora.

Os heróis da Lua nada têm a ver com Giovanni Drogo, mas lhes ocorreu algo tão incômodo quanto. Conheceram cedo, antes dos 40 anos, o ponto mais alto de sua vida. Como escreveu Aldrin: “Que pode fazer um homem, depois de ter andado na Lua?” A eles foi roubado o princípio basilar da esperança, aquele segundo o qual, na fórmula de Dino Buzzati, “o importante ainda está por começar”. É o que ocorre igualmente com outros profissionais de glória precoce, como os jogadores de futebol e as crianças-prodígio que ao crescerem não confirmam seus talentos. Os astronautas da Apollo 11 nos parecem, e talvez pareçam também a si mesmos, personagens que, cedo, foram condenados a virar sombras de si mesmos.



Quanto a Giovanni Drogo, para quem quer saber o fim da história – a guerra acaba estourando, sim, na fronteira norte, mas bem no momento em que, velho e doente, ele é retirado do forte para dar lugar a alguém apto ao combate. Morre pouco depois, no solitário quarto de uma estalagem, e, no último momento, embora ninguém o contemple, sorri. Segundo escreveu o crítico Antonio Candido, num bonito ensaio, Drogo sorri porque enfim compreende que “a Morte era a grande aventura esperada” e que enfrentá-la “com firmeza e tranqüilidade” é “o momento supremo da vida de todo homem”. Pode ser. Mas pode ser, também, mais prosaicamente, um sorriso de rendição. A morte, no cumprimento de seu papel, acabara de revelar-lhe a vacuidade do sonho, da glória e da esperança.